

# Trabalho de base decide a eleição para o Buriti

JÚLIO MÓSQUERA

A movimentação dos bastidores da política local já abre espaço para as definições. Preocupações com a filiação e o cargo a ser disputado dão lugar à montagem da estratégia de campanha. Diante da realidade de um orçamento eleitoral dos mais apertados, em virtude das medidas econômicas adotadas pelo Governo Federal, os candidatos terão de buscar alternativas para superar a falta de dinheiro. Perdem com isso aqueles que depositavam em altas somas a esperança de saírem vitoriosos das urnas. Ganha, em primeira análise, os companheiros de "caminhada" do ex-governador Joaquim Roriz e o PT, que tem na militância seu principal trunfo.

Num momento em que os cofres dos empresários estão fechados para investimentos não considerados "essenciais", os candidatos sem passado de luta comunitária e popularidade vêem cair por terra as chances de vencer a eleição de 3 de outubro. A imposição política sobre o leitor, com base na enxurrada de propaganda e presentes dos mais variados, deixará de ser tão ostensiva, pelo menos nos primeiros meses de campanha.

Para os candidatos com um passado recente de benfeitorias o choque econômico trouxe vantagens. É o caso, por exemplo, dos assessores de Joaquim Roriz. Independente dos votos que virão com o simples apoio do ex-governador, eles depositam confiança no trabalho pessoal desempenhado no GDF. O ex-secretário de Saúde, Milton Menezes, candidato a deputado federal, avalia com satisfação as regras do jogo.

"Para mim, que não tenho dinheiro mesmo, foi um grande achado. Vai prevalecer o que o candidato já fez, e aí eu confio

ARQUIVO



Roriz entrega nas mãos do povo o julgamento de sua administração

na minha atuação na área de saúde", avalia. O otimismo se justifica também porque, sem dinheiro, fica mais difícil derubar os candidatos apoiados por Roriz. Dentro do PT, no entanto, a avaliação é de que a militância partidária reverterá o quadro.

Francisco Domingos dos Santos, o Chico Vigilante, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT/DF) e vice do PT em Brasília, lembra a campanha presidencial. "Foi através da venda de camisetas, adesivos e bandeiras que nós conseguimos dinheiro para manter o Lula lá em cima. Na eleição deste ano vai ser a mesma coisa".

A participação do militante de esquerda na empreitada política poderá trazer resultados positivos na eleição do único senador do DF, dos oito deputados federais, e dos 24 distritais, mas mudar o favoritismo de Joaquim Roriz ao Palácio do Buriti vai precisar de maiores investimentos. A última pesquisa da SOMA — Opinião e Mercado dá ao ex-ministro de Collor uma confiança plena de

79 por cento do eleitorado do DF.

Na eleição de 1986 em Brasília, quando foram feitos oito deputados federais e três senadores, as campanhas médias custaram em torno de 250 a 300 mil dólares. Os candidatos de menos respaldo financeiro foram preteridos, e também tiveram contra si o coeficiente eleitoral, onde as legendas mais votadas fizeram um número maior de parlamentares, independente dos desempenhos individuais.

Se em 1986 o Plano Cruzado impulsionou os candidatos do PMDB, nesse ano a força propulsora chama-se Joaquim Roriz que, ao lado da popularidade do presidente Fernando Collor de Mello, não apenas anulou o favoritismo do PT, mas inverteu diametralmente as perspectivas. Concorrer na legenda de Roriz significa entrar na disputa milhares de votos à frente. E com um bom trabalho de base, ainda que sem dinheiro, uma vitória poderá estar praticamente assegurada, independente do adversário ter o dobro dos votos.

## Programa de TV deve ter prioridade

A priorização de gastos na campanha norteará a tônica dos candidatos em Brasília. Na avaliação do diretor da Soma Mercado e Opinião, Ricardo Penna, os concorrentes devem centralizar o dinheiro numa melhor preparação dos programas televisivos. "Assessoria de imprensa, pesquisas de opinião devem ficar em segundo plano", pensa ele.

Com características diferentes das demais cidades, Brasília acaba por diminuir alguns dos obstáculos que a falta de dinheiro traria para as campanhas. O articulador da campanha de Joaquim Roriz, o secretário de Comunicação Social, Renato Riella, exemplifica:

"Para o Roriz bastam nove mapas — das nove cidades-satélites — um cronograma e uma agenda".

Mesmo sem contar com o prestígio e a popularidade de Joaquim Roriz, os candidatos aos cargos legislativos podem montar a campanha em cima do corpo a corpo. É o que pretende fazer o ex-secretário de Desenvolvimento Urbano, Newton de Castro: "Eu não tenho dinheiro, sou um técnico, de classe média. A falta de dinheiro acaba me favorecendo, porque o meu trabalho será nos comícios".

Aos adversários de Roriz, conforme avalia Ricardo Penna, caberá um trabalho em que

a "criatividade" será a maior arma. "Derrubar um apoio de Roriz sem que as idéias do candidato possam ser amplamente colocadas para a opinião pública é uma tarefa muito difícil", comenta, em referência ao fato de que, para sobrepor-se ao ex-governador, o concorrente precisará trabalhar em dobro.

Se alguns candidatos, como prevê o vice-presidente do PT/DF, Chico Vigilante, tiverem reservas em cruzeiros guardadas, para impulsionar as campanhas, terão de prestar conta ao TRE. "O dinheiro aparecendo em fatura significa algo errado. A Receita Federal terá de estar atenta para isso", fala o ex-secretário de Saúde, Milton Menezes.

## Roriz sai na frente e com amplo apoio

Acertada a coligação que dará apoio à candidatura de Joaquim Roriz, composta pelo PST, ao qual ele se filiara; pelo PMDB, PFL, PDS, PTR, PTB, PDC, PRN, PE, PCS, começa agora a definição para os demais cargos. A união partidária, denominada Frente Brasil Novo, poderá lançar, conforme resolução 16.347, do Tribunal Superior Eleitoral, 72 nomes para disputa das vagas na Assembleia Legislativa, 24 para a Câmara dos Deputados e três para o Senado Federal.

Enquanto a Frente Brasil Novo parte para a escolha do segundo escalão de olho na proximidade do pleito eleitoral de 3 de outubro, os demais partidos, sobretudo os de esquerda, ainda continuam indefinidos quanto aos candidatos para o Palácio do Buriti. O PDT não abre mão de lançar o senador Maurício Corrêa, o que o PT não admite, apresentando — pelo menos conforme decisão de uma maioria dentro da legenda — o ex-reitor Cristóvam Buarque para o GDF.

No PSDB a expectativa é quanto ao futuro da deputada federal Maria de Lourdes Abadia. Convidada por Joaquim Roriz para compor a coligação Frente Brasil Novo, onde ela poderia ocupar a vice-governadoria, a parlamentar pode mudar os planos do partido, que pretendia unir-se à esquerda, e, até mesmo, dentro desse "arranjo progressista", lançar nome próprio ao GDF, no caso o deputado Sigmaringa Seixas.

O ex-governador Joaquim Roriz sai na dianteira, diante de tamanha indefinição de seus oponentes, não apenas nas pesquisas de opinião pública, mais ainda, no arranjo eleitoral. Desde já ele coloca a campanha nas ruas, e ganha de presente a possibilidade de correr sozinho nos primeiros dias de disputa, o que pode garantir-lhe outros pontos sobre os adversários.

Uma questão delicada, no entanto, exigirá do ex-ministro da Agricultura e Reforma Agrária muito jogo de cintura. Além dos partidos que estão ao lado dele na caminhada rumo ao Palácio do Buriti, para os quais haverá necessidade de ceder cargos, Roriz precisa atender ao interesse de muitos de seus assessores de governo, que durante 18 meses o ajudaram a construir o índice de quase 80 por cento de aceitação em Brasília.

O primeiro a confirmar a candidatura foi o ex-secretário de Saúde, Milton Menezes. Na quinta-feira foi a vez do secretário de Desenvolvimento Social, João Ribeiro, que deixou a função para concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados. Vêm na empreitada o de Desenvolvimento Urbano, Newton de Castro, provavelmente, o de Segurança, João Brochado, o do Trabalho, Leonel Paiva.